

# A emissora Poti na Era de Ouro do rádio potiguar<sup>1</sup>.

## *The broadcasting station Poti in the Golden Age of the radio potiguar.*

### **Edivânia Duarte Rodrigues**

Mestra e doutoranda em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; pesquisadora da Base Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia, da mesma instituição. E-mail: *edivania\_duarte@yahoo.com.br*.

### **Adriano Lopes Gomes**

Jornalista; doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN; professor do Departamento de Comunicação Social da UFRN e dos programas de pós-graduação em Estudos da Mídia – PPGEM e Estudos da Linguagem – PPGEL; coordenador da Base Pesquisa Comunicação, Cultura e Mídia, da mesma instituição.

Artigo recebido em 23/03/2010  
Artigo aprovado em 23/04/2010

### **Resumo**

Este artigo reconstitui a memória radiofônica da Rádio Poti de Natal (1940-1955), por intermédio das narrativas orais de ouvintes e profissionais da emissora; contextualiza o surgimento, seus episódios, os atores sociais, a participação popular e a programação da Poti; delimita e classifica os programas veiculados em gêneros e formatos, destacando-se programas de auditório, radionovelas, musicais, programas jornalísticos e esportivos. Com essa variedade programática e dispondo de um *cast* de profissionais, a Poti instaurou a “era de ouro” do rádio no Rio Grande do Norte.

**Palavras-chave:** Rádio Poti, memória, programação radiofônica.

### **Abstract**

This article reconstitutes the radiophonic memory of Natal Radio Poti (1940-1955), throughout the oral narratives of the listeners and the broadcasting professionals. It presents its birth, episodes, social actors, popular participation and programming of Poti Radio. It delimits and classifies the programs transmitted in genres and formats, standing out the auditorium programs, radio soap-operas, musical, news and sports programs. With this programming variety and featuring a cast of professionals, the Poti established the “Golden Age” of the radio in Rio Grande do Norte.

**Keywords:** Poti Radio, memory, radiophonic programming.

<sup>1</sup> Pesquisa com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

## 1. Introdução

Este trabalho é parte do “Projeto de Pesquisa Mídia e Memória: um estudo dos documentos sonoros das emissoras de rádio da cidade do Natal (1941 e 1955)”, e compreende a reconstituição da memória radiofônica da Rádio Poti por meio das narrativas orais dos informantes, categorizados como ouvintes e/ou profissionais do rádio. A utilização de fontes orais como forma de reconstituir a memória da emissora se fez necessária devido à ausência de registros sonoros conservados no período delimitado pela pesquisa. Assim, por intermédio do método da História Oral, o estudo objetivou conhecer e analisar a grade de programação produzida pela Rádio Poti, atentando para a variedade de gêneros e formatos dos programas, bem como a participação popular e a importância que a rádio adquiriu junto à sociedade potiguar. A relevância do estudo concentra-se, principalmente, no pioneirismo da Rádio Poti, inicialmente chamada de Rádio Educadora de Natal, e na diversificação da sua grade de programação, seguindo o modelo das principais emissoras do Brasil. A Poti proporcionou entretenimento e informação por meio de programas de auditório, musicais, radionovelas e informativos, apresentando-se como o principal meio de comunicação de massa do Estado do Rio Grande do Norte seja divertindo, seja mantendo a sociedade informada, sobretudo durante a Segunda Guerra Mundial.

## 2. Metodologia

Pode-se afirmar que o panorama histórico da Rádio Poti é fruto do método da História Oral, que “consiste em gravações premeditadas de narrativas pessoais feitas de pessoa a pessoa em fitas ou vídeo” (MEIHY, 1996: 13). A pesquisa ocorreu a partir da gravação de entrevistas abertas, realizadas com oito informantes. As fontes orais são personagens sociais que atuaram no período entre 1941 a 1955, assumindo o papel de ouvintes ou profissionais da Rádio Poti. Optou-se por preservar a identidade dos informantes sem, contudo, comprometer os objetivos da pesquisa. Convém dizer que a História Oral, como método, tornou os depoimentos (entrevistas) o fator central das análises porque, segundo Meihy (1996: 44), “para serem garantidas como método, as entrevistas precisam ser ressaltadas como nervo da pesquisa. O resultado deve ser efetivado com base nelas”.

A História Oral exerce a função de recompor os aspectos histórico-comunicacionais da Rádio Poti,

tornando os relatos fator determinante para a reconstrução do passado. A partir de uma circunstância social – a fundação da Rádio Poti –, as narrativas orais foram filtradas. Isso quer dizer que a emissora Poti foi o motivo organizador das entrevistas, responsável pela ordenação dos questionamentos e fator de orientação para as fontes orais no processo de composição do quadro de lembranças. A reconstituição da memória radiofônica é feita por meio da análise temática dos relatos.

As narrativas são categorizadas por temas, a saber: fundação da Rádio Poti, quadro de profissionais, programas de auditório, radionovelas e radiojornalismo. Estes consistem nos temas-eixo em torno dos quais os relatos se organizaram, conforme entendeu Bardin (1997: 105): “O tema, enquanto unidade de registro, corresponde a uma regra de recorte (do sentido, e não da forma) que não é fornecida uma vez por todas, visto que o recorte depende do nível de análise, e não de manifestações formais reguladas”. Portanto, adotando a História Oral e a análise qualitativa dos dados, reconstituiu-se a história e delimitou-se a programação da Rádio Poti de Natal.

Constata-se que a História Oral, além de possibilitar a produção de outras versões diante da história classificada como oficial, pode reconstruir a história quando não se tem versão alguma. E mais, ela desempenha uma importante função social: “na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras” (THOMPSON, 1998: 22). Em relação à reconstituição histórica da Rádio Poti, da qual não se tinha uma versão “oficial”, a História Oral oportunizou a reconstituição e a conservação da história, ao passo que colocou os protagonistas sociais como os principais enunciadorees da história.

## 3. Memória: reconstrução do passado

A memória coletiva compreende todas as reminiscências em comum que pertencem aos membros de um determinado grupo social, como assinalou Halbwachs (1990), ao considerar os elementos que integram os atores sociais:

No primeiro plano da memória de um grupo, se destacam as lembranças dos acontecimentos e das experiências que concernem ao maior número de seus membros e que resultam, quer de sua

própria vida, quer de suas relações com os grupos mais próximos (HALBWACHS, 1990: 45).

É, portanto, no processo de interação social que acontece a formação da memória coletiva, cujo conteúdo é capaz de representar o conjunto dos membros que a construíram. Paralelamente à constituição da memória coletiva, constroem-se as memórias individuais, que correspondem ao acúmulo de lembranças exclusivas, pertencentes a cada indivíduo. A convivência em sociedade não exige o ser humano de vivenciar momentos e experiências próprias que lhe permitam elaborar lembranças individuais.

E, ainda, mesmo inserido no meio social, compartilhando lembranças comuns, há uma variação de intensidade com que essas lembranças aparecem para cada membro do grupo. De acordo com Halbwachs (1990: 54), as duas memórias integram-se constantemente, assim afirmando: “[...] um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente de fazer apelo às lembranças dos outros.”. A memória coletiva tem estreita relação com a participação dos integrantes do grupo, conforme destacou, ainda, o referido autor: “[...] envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.” (HALBWACHS, 1990: 53).

Portanto, nesse estudo, as fontes orais, inseridas no mesmo contexto espaçotemporal, vivificam o veículo rádio por meio dos relatos e permitem o processo de reconstituição da memória radiofônica. Todavia, vale ressaltar que, mesmo se tratando da memória coletiva dos informantes, as lembranças não são idênticas, mas em essência são comuns, apesar da individualização:

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e no como lembra, faz com fique o que signifique (Bosi, 1994: 31).

Nesse sentido, é possível dizer que os relatos orais trazem consigo uma dose de subjetividade, mas não se encara essa subjetividade como algo limitador no processo de reconstituição, e sim como algo próprio da individualidade humana. Até porque os “interesses explícitos e desejos indecifráveis fazem, ambos, parte do universo humano, permeando inevitavelmente todas as nossas produções” (PARANÁ *apud* MEIHY, 2002). Além disso, a reconstituição que foi feita não teve a

pretensão de ser completa, visto que os informantes entrevistados relataram as lembranças dos acontecimentos sobre os quais foram perguntados e cuja lembrança reconstitui apenas parte do passado.

#### 4. As narrativas orais reconstruindo o passado

##### 4.1. Entra no ar a Rádio Educadora de Natal (REN)

A primeira emissora radiofônica do Rio Grande do Norte recebeu a denominação de Rádio Educadora de Natal – REN. O Informante 2, diretor artístico da REN, recordou a inauguração da emissora e a reação popular diante do acontecimento significativo para a sociedade natalense:

Olhe, a inauguração da... da REN – Rádio Educadora de Natal, e se deu no dia 29 de novembro de 1941, [...] conheço mais ou menos ah... o... os... as medidas, as providências tomadas pra sua inauguração porque eu já ensaiava na Rádio, talvez de março a abril de 1941 [...]. Olhe, e o que nós tínhamos até essa época era um serviço de alto-falante de Luís Romão, não é? Que tinha em determinados pontos da cidade, talvez uns três pontos, tinha alto-falante, e... isso durante a guerra, por exemplo, foi um sucesso, se ouvia noticiário da... da BBC através dele. Mas a sociedade teve um comportamento espetacular, a rádio foi uma novidade, quer dizer, primeiro, os donos, os principais proprietários da rádio, os principais sonhadores foram Carlos Lamas e Carlos Farache, eram dois comerciantes da... da melhor linhagem. Carlos Lamas era chileno, era inclusive o cônsul honorário do Chile, e Carlos Farache, quer dizer, eram pessoas da melhor sociedade, da melhor vida social de Natal. E isso, na realidade, não era incomum se ter no auditório da Rádio Poti, e... pessoas das mais credenciadas da cidade. Foi uma novidade boa... (Informante 2).

É perceptível que o esforço para se instalar a primeira Rádio do Rio Grande do Norte partiu de membros da sociedade natalense: Carlos Lamas e Carlos Farache. Os dois idealistas representavam o anseio popular em busca de um veículo de comunicação eletrônico, tendo em vista que, naquela época, a população dispunha apenas de um sistema de alto-falantes, de propriedade de Luís Romão, sem grande abrangência, bem como possuía jornais impressos.

Com o desejo de possuir uma emissora de rádio, a sociedade também se envolveu com a construção da emissora, contribuindo com a doação de materiais necessários para erguer a estrutura física da rádio, por meio da promoção das festas do Cimento, do Microfone e da Campanha do Disco, que contavam também com a colaboração dos cantores da Agência Pernambucana de serviços de alto-falantes.

Foi nesse contexto que a Rádio Educadora de Natal teve o seu estatuto aprovado em 11 de março de 1940. No entanto, a concessão pelo Ministério de Obras e Viação (órgão responsável pelas concessões radiofônicas na época) só foi dada em 16 de maio de 1941. Em conformidade com os relatos orais, Lima (1984) afirmou que a REN entrou efetivamente no ar em 29 de novembro de 1941, na voz do locutor Genar Wanderley, com as seguintes configurações técnicas: amplitude modulada (AM), frequência – 1.270KHz e prefixo – ZYB-5.

#### 4.2. A Rádio Poti e o Cast

No ano de 1944, a REN foi incorporada à Rede Associada de Assis Chateaubriand e passou a ser chamada de Rádio Poti, recebendo modificações na sua estrutura física, ampliando os espaços da rádio e contratando mais profissionais. Além disso, pertencer ao conglomerado midiático de Chateaubriand fez com que a Poti recebesse a participação de cantores e radioatores reconhecidos no Brasil.

Os profissionais da Poti, denominados como *cast*, eram enquadrados nos seguintes departamentos: artístico, jornalístico e administrativo. Dessa forma, a emissora dispunha de locutores e/ou apresentadores, tais como Genar Wanderley, Luís Cordeiro, Wanildo Nunes, Fonseca Júnior, Lurdes Nascimento, Teixeira Neto, Roberto Ney, José Alcântara Barbosa, Pedro Machado, Marcelo Fernandes, Edimilson Andrade e Paulo Ferreira.

A Rádio Poti possuía um quadro de cantores extenso e de qualidade, cujo sucesso se dava, principalmente, através dos programas de auditório que atraíram muitos natalenses para o palco da rádio. Composto o *cast* de cantores, estavam Marly Rayol, Zilma Rayol, Agnaldo Rayol, Glorinha Oliveira, Paulo Tito, Marisa Machado, Zezé Gomes, Ademilde Fonseca, Sílvio Caldas, Terezinha Maia, Jacinto Maia, Anto de Almeida e Ubaldo Lima, dentre outros.

Conforme foi citado, Agnaldo Rayol – ícone da música brasileira – passou pelos microfones da Poti.

Agnaldo, quando criança, veio com sua família do Rio de Janeiro para Natal e se apresentou nos palcos da emissora. Depois, integrou o Trio Puracy, que consistia num conjunto musical potiguar. Ainda no setor musical, a emissora possuía orquestras de salão, de *jazz*, um quinteto de cordas e o regional.

Quanto aos chamados radioatores ou radioatrizes, na maioria das vezes, eles exerciam outras funções na Rádio Poti além de interpretar. O sucesso e a magia dos enredos serão abordados adiante porque agora se destacam personagens reais dessa história: Zilma Rayol, Alba Azevedo, Francisco Ivo Cavalcanti, Marly Rayol, Clarice Palma, Lurdinha Lopes, Wanildo Nunes, Fonseca Júnior, Lurdes Nascimento, Teixeira Neto, Ermani Roberto Ney, Glorinha Oliveira, Luis Cordeiro, Genar Wanderley, Nilson Freire, Sandra Maria e Anibal Medina.

Contendo um corpo funcional extenso e enquadrado em diferentes setores, a Rádio Poti dispunha de uma grade de programação diversificada, a qual percorria do entretenimento à informação e que pode ser analisada a partir dos gêneros e formatos adquiridos.

#### 4.3. Aplausos! Sobem ao palco os programas de auditório

Os programas de auditório possuíam audiência considerável. Dispondo de um cenógrafo para a ornamentação do palco, orquestra própria, cantores e apresentadores devidamente bem vestidos e ávidos para entrar no ar, o auditório abria as portas para 600 pessoas e transmitia para a sociedade potiguar muitos programas de variedades, musicais e humorísticos. O Informante 3, ouvinte da época, ressaltou esses programas e o sucesso que eles adquiriram junto à população:

É, é... da minha época os programas de muita audiência, os mais famosos era justamente os de auditório. E na... e na... e naquela época havia pelo menos três programas... é, no sábado à tarde, tinha um programa chamado “Vesperal de brotinhos” [...]. No domingo, pela manhã, tinha o “Domingo alegre”, que era dirigido por Genar Wanderley. [...] e, no domingo à tarde, tinha um outro, chamado “Passatempo B-5”, que era dirigido por Geraldo Fontinele. Esses eram os programas mais famosos. No sábado tinha, à noite, um programa humorístico muito famoso aqui, e que também era muito, tinha muita audiência, que chamava-se (*sic*) “Beco sem

saída”, né? Um programa humorístico, assim por excelência, nos moldes desses que aparecem em televisão, quadros, com quadros... [...]. Agora, a participação do público era grande, era a espera pelos programas dos fins de semana, todo mundo ficava ansioso pra... para ir aos auditórios, né? (Informante 3).

O auditório era um local em que o público acomodava-se, vestindo roupas elegantes, após dirigir-se à emissora, semanalmente, para ver, ouvir, aplaudir e se emocionar com as atrações apresentadas. Mas os que ouviam a transmissão de suas residências também participavam e garantiam o sucesso dos programas porque tinham a possibilidade de imaginar, compondo elementos cognitivos, desde questões físicas do apresentador, e imaginando o público.

Os programas de auditório, na verdade, possibilitaram aos ouvintes de rádio uma postura mais ativa quanto à recepção, permitindo que os interlocutores interagissem entre si, estando no mesmo ambiente físico e compartilhando das deixas simbólicas, mensagem falada e imagem. Fatores estes que explicam, em parte, a tão grande popularidade que esses programas adquiriram junto à sociedade.

Destacam-se os programas de variedades apresentados no auditório: “Vespéral de brotinhos”, comandado por Luís Cordeiro, e o “Domingo alegre”, sob o comando de Genar Wanderley. O primeiro voltava-se para um público jovem e o segundo compreendia duas fases, dirigindo-se, inicialmente, para as crianças e, depois, para os adultos.

Os programas de auditório mencionados pertenciam ao “gênero especial”, formato de “variedades”. Ressalta-se que esse gênero é aquele que não possui uma função específica, podendo informar, entreter, educar e prestar serviço, simultaneamente. É válido dizer ainda que, os programas de variedades/miscelâneas ou radorrevistas, como são conhecidos, possuem essa denominação pela “multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam em seus roteiros” (BARBOSA FILHO, 2003: 139).

Os programas “Vespéral de brotinhos” e “Domingo alegre” apresentavam atrações musicais, de humor, de informação, além de promover brincadeiras e jogos, fato que mostra a inter-relação do formato de “variedades” com o formato “interativo de entretenimento”, definido como:

[...] conjunto de ações de cunho diversional, que tem como pressuposto fundamental a presença dos ouvintes, os quais participam de jogos, gincanas, programas de perguntas e respostas, brincadeiras, e que pode aparecer como quadros, dentro de formatos especiais, ou como programas específicos (BARBOSA FILHO, 2003: 122).

Dessa maneira, é possível dizer que os programas de auditório da Rádio Poti com o formato de “variedades” se relacionavam com outros formatos, compondo a diversidade de quadros característica do formato de “variedades”. Além disso, promoviam, simultaneamente, a interação face a face com o público presente no auditório e a interação mediada com os ouvintes que estavam em casa.

#### 4.4. *Dos microfones à revelação dos talentos: a música na Rádio Poti*

No período em estudo, a Rádio Poti teve um papel importante na revelação dos talentos musicais do Rio Grande do Norte, destacando-se como principal meio de divulgação artística através dos seus programas de auditório, que incentivaram a criação de inúmeros conjuntos vocais, grupos regionais e cantores do rádio. O Informante 6, cantor da Poti, relatou a formação dos conjuntos vocais:

Tinha um grupo... a “Hora estudantil”, que era apresentado por Fernando Cascudo, Fernando Luís, que é filho de Câmara Cascudo [...]. Ele tinha a “Hora estudantil”, que ele formou muito conjunto, inclusive o Trio Irakitan nasceu daí, desse ‘Hora estudantil’, formado por Gilvan Bezerril, João Costa Neto e Edinho. Daí saiu o Trio Irakitan, da “Hora estudantil”, aí foram pro México, voltaram, aí eles toma..., viveram a vida deles, estouraram entre aspas, né? Fizeram sucesso tal..., mas nasceram na “Hora estudantil” [...] (Informante 6).

Além do Trio Irakitan, que conquistou fama também em outras regiões do Brasil e até mesmo no exterior, destacaram-se os “Vocalistas Potiguares” (1941-1950), os “Boêmios Estudantis” (1948-1949), o “Trio Puracy” (1954-1956), “As Irmãs Ferreira” (1954-1956) e o “Trio Marayá” (1954-1975). De acordo com os relatos orais, a maioria dos conjuntos se formava com o principal objetivo de se apresentar na Rádio Poti, no programa

“Hora estudantil” e em outros programas de auditório. Talvez isso explique, em parte, a efemeridade de alguns dos grupos vocais, que duravam em média dois anos.

A música ao vivo na Rádio Poti era transmitida ou nos programas “Vesperal de brotinhos” e “Domingo alegre”, em forma de quadros, ou em programas de auditório que contemplavam só a música, apresentando as orquestras e o regional, que tocavam músicas clássicas e erudita, bem como os conjuntos vocais potiguares e os cantores, apresentando-se individualmente, por exemplo, os programas: “A estrela canta” e “Por trás da cortina”. “A estrela canta” era um programa de auditório estritamente musical, apresentado às quintas-feiras. Sobre ele, falou o Informante 2:

“A estrela canta” era um programa que era... era vivido por Glorinha Oliveira.. Era ela, né? Esse programa foi o primeiro programa desse, foi redigido por Edílson Varela, que era o diretor-geral, entusiasmou-se vendeu o programa, e do segundo em diante fui eu que tomei conta dele (Informante 2).

Quanto ao “Por trás da cortina”, caracterizava-se por ser um programa de auditório com o objetivo de revelar cantores. O público só ouvia a voz dos candidatos que ficavam por trás de uma cortina. Marisa Machado, cantando em inglês, e Paulo Tito foram dois talentos revelados nesse programa.

Nos programas de auditório em que a música era a atração principal, alguns dos cantores mais executados pelo *cast* musical da Poti eram Orlando Silva, Lamartine Babo, Nelson Gonçalves, Lourenço Barbosa e Sílvio Caldas, destacando-se como estilos musicais a “valsa” e o “fox romântico”, como “Serenata ao luar”, de Glenn Miller, por exemplo.

Portanto, os programas de auditório que evidenciavam apenas a música como “A estrela canta” e “Por trás da cortina” correspondem ao “gênero de entretenimento” e ao formato de “programa musical”. Tal classificação pode ser entendida pelo fato de eles se fundamentarem no entretenimento através da música. Segundo Barbosa Filho (2003), o formato “programa musical” é aquele que tem a música como elemento fundamental. Atualmente, os programas musicais conhecidos são os apresentados em estúdio, principalmente nas emissoras de frequência modulada (FM). Mas aqueles programas de outrora, apresentados no auditório, também podem ser classificados como

musicais porque o local em que eram apresentados não extinguia a característica essencial do formato: a música como elemento primordial.

#### 4.5. *É hora de imaginar: as radionovelas*

É imprescindível citar os elementos que compõem a linguagem radiofônica quando se trata de radionovelas. Isso porque a “voz humana”, a “música”, os “efeitos sonoros” e o “silêncio” são capazes de criar cenários, despertar sentimentos e envolver o receptor a ponto de fazê-lo transformar o som em imagem mental, processo chamado de imaginação. Além disso, para a criação das imagens mentais por meio das radionovelas, a linguagem descritiva é primordial porque ela expõe as cores dos objetos, as características físicas dos personagens, criando um campo propício para ativar a imaginação. Na Rádio Poti, de acordo com as narrativas orais, antes de as peças radiofônicas ou radionovelas entrarem no ar, havia a narração inicial do enredo, do cenário e dos personagens.

Dessa forma, as radionovelas também eram sucesso garantido na programação da emissora. A população reunia-se diante do aparelho transmissor para ouvir as histórias interpretadas pelos chamados radioatores. Considera-se que as radionovelas transmitidas pela Rádio Poti permitiam que os ouvintes projetassem desejos e sonhos. Portanto, a proximidade com o enredo e o papel desempenhado pelos radioatores facilitava, por parte do público, o processo de se ver através do outro. Dentre as radionovelas que foram veiculadas pela Rádio Poti, estão as seguintes, consoante os dados fornecidos pelo Informante 2:

[...] eu me lembro de duas novelas. Uma era... era... Como é que chamava? Herói do sertão, como era? “Jerônimo – herói do sertão”, essa não tinha fim, não é? Eu não lembro quando começou, nem quando terminou... [...] Não, não, essa vinha naqueles discos grandes de quinze... e tinha aquela outra “O direito de nascer”. Era uma novela (palavra indecifrável), uma novela mexicana, também enorme! Essa atravessou anos e anos e anos (Informante 2).

Algumas das radionovelas transmitidas pela Rádio Poti, como “Jerônimo – o herói do sertão” e “O direito de nascer”, por exemplo, eram de outros Estados. Entretanto, a emissora também exibia radionovelas locais, como “A casa dos sete candeeiros”, “Tormento

de amor”, “Seu nome, sua honra” e “Maria Alahô”. O Informante 3, ouvinte do rádio, relatou os horários e a periodicidade das radionovelas:

As novelas... de rádio, é... Não tinham a duração que têm as da televisão hoje que duram seis meses, quatro meses, mas eram, mas... Eram longas, né? E eram muito escutadas naquela época do rádio... Eram, era um programa quase obrigatório, das (*sic*) famílias escutarem (trecho indecifrável). É... e elas eram assim, elas não eram diárias, os dias eram... a novela era..... era transmitida na segunda, aí pulava os dias segunda, quarta e sexta, por exemplo; e outra novela era terça, quinta e sábado (Informante 3).

A emissora Poti, além de veicular radionovelas, também transmitia radioteatro. Seguindo a classificação de Kaplún, citado por Barbosa Filho (2003), essas produções enquadram-se no “gênero de entretenimento”, formato “programa ficcional de drama”, diferenciando-se porque o drama no rádio é dividido em “unitário”, “seriado” e “radionovela”. Como se pode verificar, a Rádio Poti apresentou o drama “unitário”, através das peças inteiras, e a “radionovela”. O drama unitário, também chamado de peça radiofônica, “constitui uma unidade em si, ou seja, não forma parte de um conjunto; é igual ao que acontece a uma obra de teatro: os personagens não têm continuidade posterior” (BARBOSA FILHO, 2003: 118). Em contrapartida, a radionovela consiste numa obra dramática, de longa duração, com capítulos sequenciados. Nesse caso, o receptor deve acompanhar os capítulos para compreender o enredo.

Vê-se que a Rádio Poti, por intermédio do drama, interferiu no cotidiano social das pessoas, seja pelo fato de transportá-las para uma realidade imaginária, onde os sonhos são realizados, seja pelo de aproximá-las numa mesma coordenada espacial ou não, unido-as pelo mesmo intuito primordial de escutar o que se busca no real.

#### 4.6. Atenção! Os programas jornalísticos estão no ar

Adotando o conceito de que o rádio é um meio de comunicação de massa possuidor de especificidades, como instantaneidade, simultaneidade, grande abrangência geográfica, utilização de uma linguagem codificada de forma simples, objetiva e clara, esse veículo tornou-se, por excelência, um transmissor de notícias. Desde o

surgimento da REN, e depois com a Poti, a emissora se consolidou como um meio eminentemente de informação. Foi, inclusive, o principal canal de comunicação durante a Segunda Guerra Mundial, tendo em vista que o Rio Grande do Norte, em especial Parnamirim, tornou-se base militar dos americanos contra o chamado Eixo. O Informante 2 destacou como era feito o serviço de captação de notícias da rádio e citou alguns programas jornalísticos que eram veiculados:

Então, nós tínhamos... nós tínhamos noticiários, todo ele. Além do noticiário..., por exemplo, a “Gazeta sonora”, que era um... um noticiário de meio-dia, era feito com notícias locais, com notícias de... do País e era feito com notícias internacionais. O serviço, nesse tempo de rádio, o captado da United Press ou da Society Press ou da Meridional ou da Nacional, eram captados através de um a... possante aparelho de *radiocraft* em... serviço Morse de telegrafia, né? (Informante 2).

É perceptível o esforço realizado para a obtenção de informações naquela época. Mas a REN superava as adversidades porque dispunha de recursos técnicos e profissionais que se dedicavam à captura, redação e divulgação das notícias obtidas por meio das agências de notícias.

No período da Segunda Guerra Mundial, era comum a rádio transmitir plantões que davam instruções à sociedade sobre como se comportar diante de um ataque militar ou perante o *blackout* – apagar das luzes, que era um recurso utilizado constantemente para dificultar a chegada do “inimigo”. Os plantões foram enquadrados no “gênero de serviço” e no formato de “nota de utilidade pública”, já que “os produtos radiofônicos de serviço são informativos de apoio às necessidades reais e imediatas de parte ou de toda a população ao alcance do sinal transmitido pela emissora de rádio” (BARBOSA FILHO, 2003: 134).

Na grade de programas jornalísticos, estava um dos mais importantes informativos que a Rádio Poti transmitiu: o “Galo informa”. Ele apresentava como vinheta de abertura o “canto do galo” e seguia o modelo do famoso “Repórter Esso”, seja pela forma de se apresentar de hora em hora com cinco minutos de duração, seja pela credibilidade que adquiriu junto à população. O “Galo informa” pertencia ao “gênero jornalístico” e adotava o formato de “boletim” que, como assegurou Barbosa Filho (2003: 92), consiste num “pequeno programa informativo com no máximo cinco

minutos de duração, que é distribuído ao longo da programação e constituído por notas e notícias, e, às vezes, por pequenas entrevistas e reportagens”.

Em relação aos radiojornais, classificados como um formato que congrega e produz outros formatos jornalísticos – a saber: notas, notícias, reportagens, entrevistas comentários e crônicas –, eles também eram irradiados pela Rádio Poti. Havia a “Gazeta sonora”, o “Jornal B-5” e o “Matutino Poti”.

Ainda dentro do “gênero jornalístico”, destacaram-se os programas esportivos transmitidos pela Rádio Poti. Nessa área, foram realizadas transmissões ao vivo de futebol, diretamente do Estádio Juvenal Lamartine, em Natal, bem como veiculados programas em estúdio, como a “Gazeta esportiva”. Esse programa caracterizava-se por apresentar periodicidade e duração fixas, oscilando entre 15 minutos e uma hora, e assemelhava-se aos radiojornais noticiosos. Por esse motivo, era também chamado de “radiojornal de esporte”.

### 5. Considerações finais

A reconstituição da memória radiofônica da Rádio Poti, através da História Oral, possibilitou a revelação de fatos e acontecimentos que a história tradicional não apresenta. Os informantes, ancorando-se em suas memórias individuais e coletivas, emitiram informações que serviram de subsídios para se traçar o perfil dos programas desenvolvidos pela Poti, detectar neles o grau de participação popular, conhecer e entender a maneira pela qual a rádio pioneira do Estado comunicava aos seus ouvintes.

A Rádio Poti instaurou a “era de ouro do rádio” no Rio Grande do Norte, não por ter sido a primeira emissora

do Estado, mas por ter transmitido uma variedade programática que, junto com o fascínio que o veículo rádio proporcionava, encantou os ouvintes, tornando a emissora Poti o principal meio de comunicação da época. Sendo assim, a programação e a participação social que a Poti detinha legitimam essa instauração. Percebe-se que a relação que a emissora possuía com o público começou desde o seu processo de instalação, acentuando-se a partir da programação veiculada, durante a trajetória temporal analisada. Os gêneros e formatos radiofônicos apresentados atraíam os ouvintes, e muitos deles permitiam uma participação efetiva, como os programas transmitidos no auditório, por exemplo. Portanto, considera-se que a Rádio Poti desempenhou as funções de educar, entreter e informar, além de ter demonstrado compromisso junto à sociedade potiguar, a partir dos programas musicais, projetando cantores e conjuntos vocais em âmbito nacional e internacional.

Os programas transmitidos diretamente do auditório davam a oportunidade de se desenvolver uma comunicação bidirecional, efetuando o *feedback* entre os interlocutores, já que o público presente ao auditório poderia expressar, por meio de aplausos, vaias, sorrisos e até palavras, o seu posicionamento diante das mensagens produzidas pelo emissor. As radionovelas, mesclando realidade e ficção, proporcionavam aos receptores a possibilidade de fugir das preocupações cotidianas e desaguar no mundo imaginário. Os programas jornalísticos mantinham a sociedade informada, levando, inclusive àqueles desprovidos de conhecimento educacional, a leitura da realidade social vigente naquele período. A Rádio Poti, com toda a variedade de programação, marcou a radiofonia potiguar, dinamizando a comunicação no Rio Grande do Norte e levando ao público programas substanciais e de qualidade.

### Referências

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia da Letras, 1994.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 1996.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurant León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

THOMPSON, Paul Richard. *A voz do passado*. Tradução de Lólio Lorenço de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.